

O INDEPENDENTE

O 4.º PODER.

DIRECTORA: INÊS SERRA LOPES | DIRECTOR-ADJUNTO: VITOR CUNHA

Álcool e droga nas Polícias

> p.4 e 5 Agentes da PSP e GNR bebem de mais. Na PSP há ainda casos de consumo e tráfico de droga. Relatório da Inspeção-Geral alerta: a situação pode tornar-se incontrolável



Leiria e Coimbra vão pedir mais 1.8 milhões

EURO 2004 > p. 7 Contratos-programa permitem aumentar a participação pública

Ricardo Sá Fernandes
diz que o Governo não
tem causas nem coragem
Entrevista > p. 12

Le Winter Ex-agente
da CIA vive em Lisboa
e escreve livro sobre morte
de Diana > p. 42 a 44



»dependente
De Herzigova
a Daciano da Costa.
O design perfeito



Há mais de 50 000 fundos de investimento no mundo.

O BPI Universal faz-lhe a selecção.

 BPI

» sair com Daciano da Costa

> Daciano da Costa encontrou-se com o designer Daciano da Costa na Gulbenkian. "Uma exposição cheia de sucessos e insucessos. Como a vida"

Fotografias de Alexandre Almeida



> Parámos à entrada da sala de exposições. Daciano da Costa olha à volta e sorri. "Sempre que entro aqui lembro-me de uma história passada com o Renoir. Um dia, era ele já muito velho, o filho levou-o a uma retrospectiva da sua obra. Ele entrou na sala, olhou espantado para a quantidade de quadros seus e exclamou: 'Estão todos emoldurados!'" No caso de Daciano da Costa, arquitecto, designer, professor, não são quadros que enchem a sala. São mesas, cadeiras, sofás, mapas, cómodas, serviços, faqueiros, torneiras, projectos e esboços, tudo ordenado, classificado numa grande exposição retrospectiva inaugurada recentemente na Fundação Calouste Gulbenkian.

Tinha ficado assente que não era uma entrevista. "É um convite para sair." Foi fácil e óbvio combinar o lugar. Mas sair com Daciano da Costa, ainda por cima escolher a sua exposição como palco desse encontro, é arriscarmo-nos a uma viagem pelos caminhos do design nacional, desde os finais dos anos 50 até aos dias de hoje. Daciano da Costa, unanimemente considerado como um dos mais importantes designers nacionais, prefere intitular-se "um desenhador e fazedor de objectos, por circunstância, vocação e acaso".

Quem bem o conhece garante que só chegou onde chegou por não se desviar um milímetro das suas convicções, que passam essencialmente por posicionamento ético empenhado em restabelecer as dimensões humanas da arquitectura e dos objectos. Foi este raro amor à ética que levou um dia Daciano da Costa a desistir de pintar apesar de todos lhe vaticinarem um futuro brilhante. Tinha apenas 30 anos quando tomou essa decisão tão radical como reflectida.

Estávamos no princípio dos anos 60 e Daciano da Costa é convidado para assistente na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, mal acaba o curso. Mas as suas ideias políticas, aliadas a uma abertura intelectual, eram uma ameaça ao sistema e Daciano da Costa foi impedido de tomar posse do cargo. Só conseguiu voltar a entrar na Escola de Belas-Artes em 1977, altura em que foi nomeado assistente convidado do departamento de Arquitectura.

Mas não foi só isto que matou o pintor. Na altura, a linha que mais o interessava e inspirava era o surrealismo. "Mas o surrealismo combatia e criticava a sociedade. E quem é que me comprava esses quadros? Essa mesma sociedade. Está a ver a contradição? Como é que eu podia continuar a pintar?"

- E nunca se arrependeu?

Daciano da Costa guarda uns segundos de silêncio antes de responder. "Sabe, um dia vi uma peça de Camus que me marcou para sempre. Conta a história de um mercenário que tinha a missão de pôr uma bomba na carruagem onde viajava o Kaiser. Só que na altura em que se preparava para fazer explodir o engenho viu uma criança sentada mesmo ao lado da personagem que ia assassinar. Apesar de conviver de perto com a morte, o mercenário não foi capaz. A peça trata do julgamento deste homem pelos seus companheiros e, a dada, altura, acusam-no de ser um covarde. E ele perguntou o que eu pergunto agora: "E não há lugar na História para os covardes?"

Foi a minha vez de ficar calada. Daciano da Costa faz-me o favor de quebrar o silêncio. "Olhe, está ali o projecto para a Porta do Sol". Daciano da Costa foi convidado pela Expo'98 a imaginar uma das entradas principais para a grande exposição. O gigantesco caverna ficou na memória de todos. "Costumo dizer que aquela instalação era mais uma linha de montagem. Por um lado entravam pessoas e pelo outro saíam visitantes."

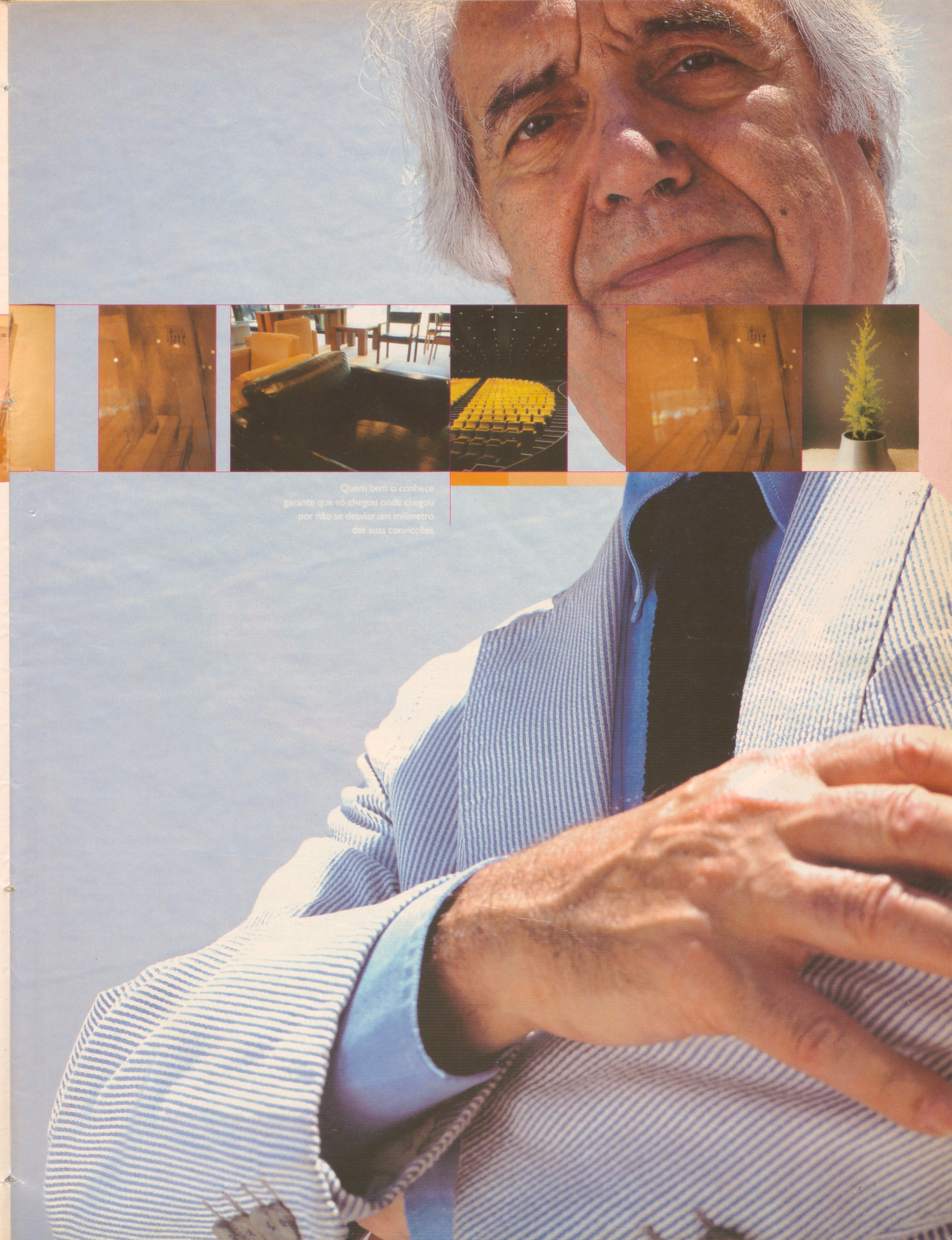
Parámos numa vitrina. "Não tem umas torneiras iguais a estas em casa?" Não tenho, mas já as vi em todo o lado. Desenhou-as em 1976 e nos últimos 20 anos foram multiplicadas até ao infinito. Nem de propósito, na vitrina ao lado, está um faqueiro e um serviço que, apesar de terem ganho prémios de design, nunca foram comercializados. "É uma exposição cheia de sucessos e insucessos. É como a vida".

A nossa conversa é interrompida por um burburinho que vem do outro lado da sala. Um "petit comité" composto por senhores engratados, um deles com um ar nitidamente mais importante que os outros, liderado por Isabel Mota, administradora da fundação aproximava-se perigosamente. Um operador de câmara filmava tudo. Consegui fugir para trás de um toucador, mas Daciano da Costa é apanhado, rodeado, cumprimentado e filmado. Minutos depois, quando finalmente o grupo deu "meia-volta-volver", o arquitecto veio ter comigo. Afinal era só o ministro dos Negócios Estrangeiros da Croácia. A conversa manteve-se uns minutos nos Balcãs e viajou até à Madeira. O toucador que providencialmente me escondeu foi desenhado para o Casino Park Hotel, na Madeira, um projecto onde Daciano da Costa colaborou estreitamente com o célebre arquitecto de Brasília, Oscar Niemeyer.

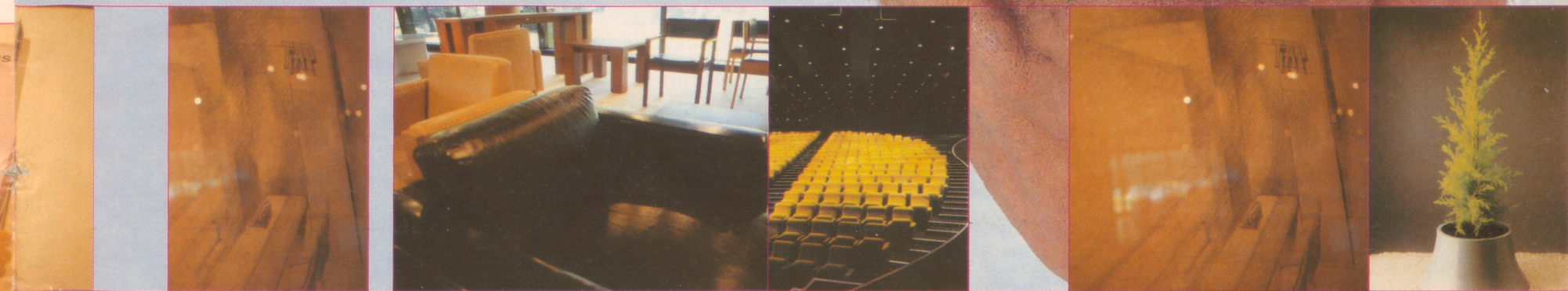
O seu traço está também marcado na arquitectura de interiores e nos móveis de muitos outros hotéis, entre eles o Altis, Penta e Alvor-Praia. Em alguns

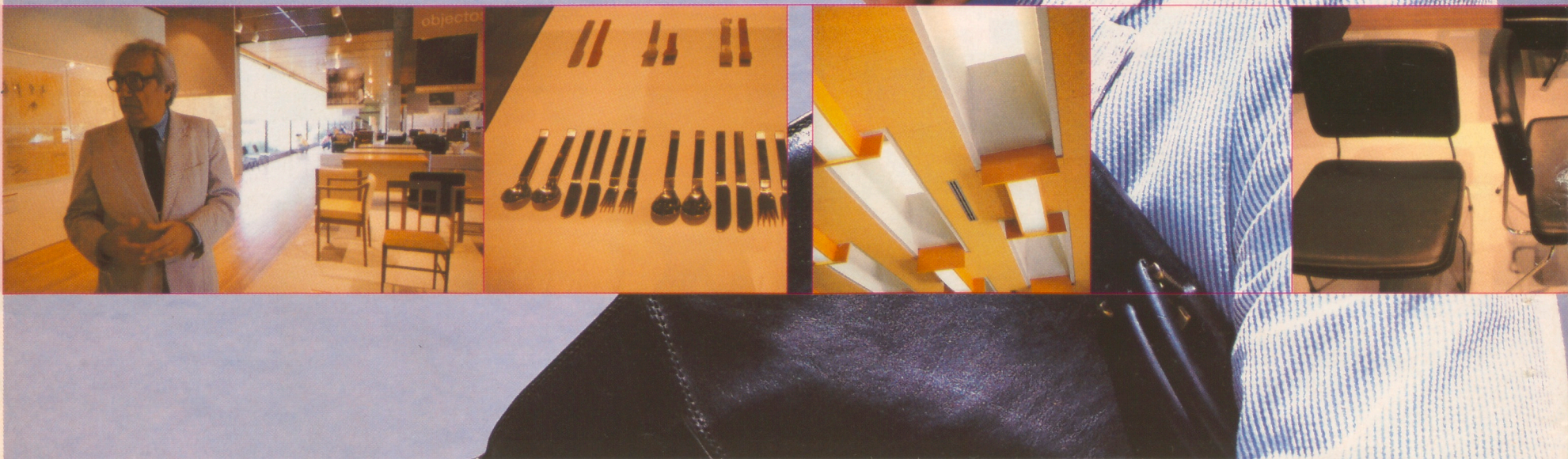
casos, Daciano da Costa fez mesmo aquilo que se chama "design total", estendendo a sua acção, para além do design de interiores, equipamentos e mobiliário, aos elementos de decoração, grafismo e figurinos para uniformes dos funcionários. Alguns destes hotéis estão já completamente descaracterizados, facto que muito o entristece.

> Folheia durante longos minutos o gigantesco volume que guarda o projecto para a nova aerogare do Aeroporto de Lisboa, que nunca foi para a frente. São centenas de páginas desenhadas à mão e ao pormenor. "Isto é que é arquitectura de interiores, não é aquilo que as tias fazem"



Quem bem o conhece
garante que só chegou onde chegou
por não se desviar um milímetro
das suas convicções





> Passamos por um conjunto de móveis, desenhados para o gabinete que Cavaco Silva ocupou no Centro Cultural de Belém durante a presidência portuguesa da União Europeia. Não chegaram a cumprir o destino, porque a mulher do primeiro-ministro não gostou deles e exigiu outros

Daciano da Costa não é propriamente um homem modesto. Gosta de brincar, chama “tralha” aos seus móveis, mas não esconde o orgulho quando mostra os projectos das suas intervenções na Reitoria e a Aula Magna da Universidade de Lisboa, na Biblioteca Nacional, no Casino do Estoril, no Teatro Villaret ou no Coliseu dos Recreios. Não diz mas, adivinho que a “menina dos seus olhos” continua a ser a Fundação Calouste Gulbenkian. Foi um dos arquitectos convidados, em 1966, por aquela instituição para imaginar e desenhar um edifício que ainda hoje é uma referência da arquitectura portuguesa contemporânea. Explica como é que um projecto como este, principalmente numa altura em que fazer algo de inteiramente inovador era quase uma aventura, o marcou para sempre. Foi por isso com grande alegria que aceitou o desafio da Gulbenkian de remodelar os espaços interiores e equipamentos da fundação, como a recepção da sede e a sala de exposições temporárias, inaugurada com esta exposição dedicada à sua obra.

Durante algumas horas vagueamos pela exposição, ao sabor dos objectos e das suas histórias. “Não gosto quando dizem que este ou aquele objecto é o melhor que já desenhei. Acho redutor.” Quanto às críticas ao seu trabalho, aprendeu com a vida a não ligar. Folheia durante longos minutos o gigantesco volume que guarda o projecto para a nova aerogare do Aeroporto de Lisboa, que nunca foi para a frente. São centenas de páginas desenhadas à mão e ao pormenor. “Isto é que é arquitectura de interiores, não é aquilo que as tias fazem.”

“Olhe, este cinzeiro veio lá de casa”, diz apontando para uma das suas vitrinas. Ri-se quando lhe pergunto como é que é a sua casa. “É uma casa com filhos e livros.” Tem cinco filhas, quatro são arquitectas, tal como a sua mulher. “Está nos genes, foi impossível travar isso.”

A nossa conversa é uma vez mais interrompida, desta vez por uma antiga aluna que atravessa a sala para lhe ir falar. Daciano da

Costa, professor jubilado da Faculdade de Arquitectura de Lisboa gosta de dar aulas, admira os seus alunos e garantem-me que a fama de mau feito é mais virtual do que real.

O seu gosto pelo lado cénico da vida, fá-lo gostar do exagero. “Da teatralidade”, como prefere dizer. Leva-me até ao fundo da exposição, onde estão as suas criações mais recentes. Pelo caminho, passamos por um conjunto de móveis, desenhados para o gabinete que Cavaco Silva ocupou no Centro Cultural de Belém durante a presidência portuguesa da União Europeia. Não chegaram a cumprir o destino, porque a mulher do primeiro-ministro não gostou deles e exigiu outros.

Jorge Sampaio, pelo contrário, pediu a Daciano da Costa para lhe desenhar uma mesa de trabalho para o Palácio de Belém. “Esta é que é a mesa do presidente.” Foi feita artesanalmente por um dos seus mestres preferidos.

Enquanto atravessamos o jardim, mais bonito que nunca naquela manhã de Primavera, uma onda de melancolia toma conta de Daciano da Costa. Falamos do atelier do pintor e do arquitecto Frederico George — uma figura pioneira na definição do design nacional —, onde Daciano da Costa passou 12 anos, antes de abrir o seu próprio atelier. De Frederico George guarda uma admiração sem limites. “Foi com ele que aprendi quase tudo.” Uma formação feita sob o signo de uma tradição artesanal de transmissão de conhecimentos com base na relação mestre-discípulo, que o marcou para sempre.

Na altura, Frederico George dava aulas na Escola de Artes Decorativas António Arroio — onde Daciano da Costa se formou — e além de ser um seguidor do movimento inglês Arts and Crafts, foi também o introdutor do modelo e da prática bauhausianos. Para o jovem recém-formado, aquele era um mundo inteiramente novo que se abria à sua frente.

Dono de uma curiosidade sem limites, Daciano da Costa aproveitou sempre todos os tostões que lhe sobravam para viajar. Começou por Paris e dentro de dias vai cumprir um sonho de sempre, visitar o Hermitage, em Sanpetersburgo. Fala da viagem com um entusiasmo contagiante, o mesmo com que descreve a sua última descoberta, a cidade de La Valetta, em Malta, onde além dos palácios e das igrejas encontrou um monumento megalítico muito anterior a Stonehenge que o comoveu profundamente. “Imagine aquelas pedras enormes, encostadas umas às outras, perfeitamente encaixadas. É uma sensação avassaladora pensar que aquilo é o princípio de tudo.” E tudo para Daciano da Costa é a arquitectura. **Rosa Amaral**